
LETRAS QUE VIAJAM.
O MITO DA ITÁLIA NA RENOVAÇÃO POÉTICA
EM PORTUGAL NO SÉCULO XVI

LUÍS DE SÁ FARDILHA
(Porto)

A RENOVAÇÃO DA poesia, levada a cabo no século XVI na Península Ibérica, recebeu um impulso decisivo da consciência aguda que tiveram alguns autores de que os seus povos, embora superiores no domínio das armas, se encontravam claramente inferiorizados no campo das letras, quando comparados aos italianos. A noção desta subordinação é expressa com muita clareza na carta que Boscán endereçou à duquesa de Soma, e que serve de manifesto a favor do verso longo e das novas formas poéticas italianizantes. Nesse texto, Juan Boscán refere-se à Itália como «una tierra muy floreciente de ingenios, de letras, de jüizios y de grandes escritores», e afirma a sua convicção firme de ter sido «el primero que ha juntado la lengua castellana com el modo de escribir italiano»¹. Reconhecendo, embora, a superioridade actual das letras italianas, a carta fecha com uma declaração de optimismo quanto ao futuro próximo das letras espanholas, já que a emergência «de los buenos ingenios de Castilla» prometia inverter esta situação, levando a que «antes de mucho se duelan los italianos de ver lo bueno de su poesía transferido en España»².

Também em Portugal António Ferreira exprimiria, anos mais tarde (1557?), na epístola em tercetos que dirigiu a D. Simão da Silveira, a mesma

1. Juan Boscán, *Obra completa*, ed. Carlos Clavería, Madrid: Cátedra, 1999, pág. 119.
2. J. Boscán, *Obra completa*, pág. 120.

fixação no exemplo recebido de Itália e a mesma certeza quanto às possibilidades de um futuro brilhante para a poesia do seu país:

Eu por cego costume não me movo.
 Vejo vir claro lume de Toscana,
 neste arco; a antiga Espanha deixo ao povo.
 [...]

 Porque mais Mântua, e Esmirna que Lisboa,
 se o claro sol seu lume nos não nega,
 terá, se s'arte usar, maior coroa?³

Não admira, neste quadro⁴, que Francisco de Sá de Miranda, um admirador de Boscán⁵ e mestre reconhecido de Ferreira, sublinhe, na carta endereçada ao seu parente João Rodrigues de Sá de Meneses, a novidade determinante que constituía, em Portugal, o amor que este fidalgo dedicava às letras⁶. O elogio mirandino deixa claro, por outro lado, o desprezo generalizado a que estas eram votadas pela nobreza portuguesa da época.

3. António Ferreira, *Poemas Lusitanos*, ed. Thomas Foster Earle, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pág. 360, vv. 88-90 e 106-108. Quanto à data de composição, veja-se o que escreve Earle na pág. 610.

4. Naturalmente, a atracção pela Itália, neste domínio específico da literatura, insere-se no contexto de uma sedução mais global, que a cultura humanística italiana exerceu sobre os intelectuais portugueses desde os finais do século xv. Como é bem sabido, no reinado de D. João II é grande a emigração escolar para Bolonha, Siena, Florença, Ferrara e Pádua. Em Itália estudaram Aires Barbosa, Martinho de Figueiredo, Luís Teixeira, Gonçalo Vaz Pinto, Diogo Pacheco ou Henrique Caiado, entre muitos outros. A título de exemplo, recordemos Martinho de Figueiredo, autor de uma «Carta aos seus leitores» que acompanha os *Commentaria super Epistolam Naturalis Historiae Plinii* (Lisboa, 1529), onde este humanista português refere a sua frequência das «mais célebres universidades de Itália» e o convívio com Angelo Poliziano e Bartolomeo Sozzini (cf. Américo da Costa Ramalho, *Latim Renascentista em Portugal (antologia)*, Lisboa: INIC, 1985, págs. 146-153), ou Estêvão Cavaleiro, que segue Lorenzo Valla e o cita explicitamente no prólogo da sua *Mariae Virginis Ars* (Lisboa, 1516): nesse texto, pode ver-se, expresso de modo eloquente, o valor simbólico que a cidade de Roma tem para os humanistas portugueses, enquanto sede da latinidade: «Vrbs ergo Roma iam penes nos est. Cum uiris Romanis iam nobis colloquium est. Romano in sermone iam diu uersamur». Sobre este texto, veja-se Américo da Costa Ramalho, «Um capítulo da história do humanismo em Portugal: o “Prologus” de Estêvão Cavaleiro», in *Estudos sobre o século XVI*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980, págs. 125-151.

5. Como declara na Carta a António Pereira (*Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, ed. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Halle: Niemeyer, pág. 242, n. 133: «Líamos polo alto Lasso / E seu amigo Boscão / Honra d'Espanha que são»).

6. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, págs. 205-213.

Quando escreve a Sá de Meneses: «as letras que i não achastes / trouxestes de fora à terra», os versos de Miranda destacam a necessidade que teria experimentado o seu correspondente de importar do estrangeiro a matriz de uma cultura que não existiria em Portugal nas primeiras décadas de 500. Para poder juntar à sua nobreza de sangue e de armas o cultivo das letras, teria sido preciso trazer estas últimas «de fora». Como acontece frequentemente nos textos de Sá de Miranda, o autor não esclarece os detalhes desta sua informação. Nomeadamente, não esclarece onde foi o seu ilustre parente buscar o que não pôde achar na sua terra. Esta alusão foi entendida, desde Teófilo Braga, como uma referência a estudos feitos em Itália, onde Sá de Meneses teria sido aluno de Angelo Poliziano. Aceite por Carolina Michaëlis de Vasconcelos⁷, esta ideia manteve-se, persistentemente, até que Américo da Costa Ramalho⁸, por um lado, e José da Silva Terra⁹, por outro, mostraram a impossibilidade de um tal magistério, uma vez consideradas as datas da morte de Poliziano e do nascimento de Sá de Meneses. É certo que este último esteve em Itália em 1521, mas integrado na comitiva diplomática que acompanhou a Infanta Dona Beatriz, filha de D. Manuel, à Sabóia, por motivo do seu casamento¹⁰. Será possível entender os versos de Sá de Miranda como uma alusão a esta viagem do seu parente por Itália?

Face ao laconismo do moralista da Tapada, não nos é possível responder à pergunta. Parece, aliás, que a data desta viagem seria algo tardia para que pudesse ter exercido uma influência determinante na formação espiritual de Sá de Meneses. No entanto, se Miranda tivesse querido apenas aludir ao seu contacto directo com terras italianas, poderia admitir-se a sua funcionalidade... Nesta ordem de ideias, cumpre assinalar que, no elogio

7. Escreveu D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos: «Nascido pouco depois de 1460 foi educado em Itália debaixo da direcção de Angelo Poliziano e trouxe consigo as novas aspirações do Renascimento». (*Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, pág. 788).

8. Américo da Costa Ramalho, «Cataldo e João Rodrigues de Sá de Meneses», in *Estudos sobre o século XVI*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1980, pág. 66.

9. José da Silva [Terra], *João Rodrigues de Sá de Meneses et l'humanisme portugais*, tese de doutoramento dactilografada apresentada à Sorbonne em 1984 (Bibliothèque da la Sorbonne, I 9939, 1-5). A referência a este assunto encontra-se no volume II, pág. 113.

10. Sobre esta viagem, veja-se Garcia de Resende, «Hida da Infanta Dona Beatriz pera Saboya», in *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Lisboa: INCM, 1973 [aliás, 1991], pág. 323, e Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, Coimbra: Por ordem da Universidade, 1955, IV, pág. 156. Poderá, ainda, consultar-se Luís Fardilha, «João Rodrigues de Sá de Meneses na Corte de D. Manuel», in *Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas»*, 20 (2003), págs. 305-316.

que faz de João Rodrigues de Sá de Meneses, destaca, também, uma tradição genealógica que relacionava a família dos Sás com a família romana dos Colonna: «Dos nossos Sás Coluneses / gram tronco, nobre coluna, / grande ramo de Meneses»¹¹. Anos antes de se ver brindado com este texto do seu parente, já Sá de Meneses tinha lembrado esta ligação matrimonial entre a sua família portuense e a célebre família romana, nas trovas genealógicas que compôs e que foram publicadas em 1516, por Garcia de Resende, no *Cancioneiro Geral*¹². Estas alusões de Miranda e de Sá de Meneses têm sido geralmente aceites, até porque genealogistas dos séculos XVII, XVIII e XIX se encarregaram de tentar precisar as circunstâncias em que poderia ter ocorrido um consórcio entre um membro da família portuguesa dos Sás e uma senhora da família Colonna, de modo a viabilizar a tradição literária quinhentista. No entanto, estudos realizados por Luís de Melo Vaz Sampayo, na década de 1970¹³, e por José da Silva Terra, na década de 1980¹⁴, mostraram já, de modo convincente, que, embora concedendo que possa ter havido uma união entre Sás e Colonnas, é seguro que ela não envolveu os ascendentes directos de Francisco de Sá de Miranda e João Rodrigues de Sá de Meneses. A verdade é que o sangue dos Colonnas romanos não podia correr nas veias de nenhum destes dois Sás. A reivindicação que ambos fazem de raízes italianas para a sua genealogia deve, pois, ser entendida como uma construção cultural que visou pôr em destaque as ligações privilegiadas que manteriam com a pátria a partir da qual chegavam a Portugal os modelos espirituais e literários que, cada um a seu modo, se propunham imitar¹⁵.

É neste quadro, que sublinha as suas pretensas relações familiares italianas e os contactos directos com uma terra a partir da qual se desejava operar uma *translatio studii*, que se nos afigura pertinente reequacionar as consequências da celeberrima viagem de Francisco de Sá de Miranda a

11. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, pág. 205.

12. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, ed. Aida Fernanda Dias, Lisboa: INCM, 1990, II, pág. 384.

13. Luiz de Mello Vaz de Sampayo, *Subsídios para uma biografia de Pedro Álvares Cabral*, separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, 24 (1971), págs. CXXXIX-CXLV (§§ 309-324).

14. J. da Silva [Terra], *João Rodrigues de Sá de Meneses et l'humanisme portugais*, II, págs. 20-29.

15. Um resumo de toda esta questão poderá encontrar-se em Luís de Sá Fardilha, *A nobreza das Letras: os Sás de Meneses e o Renascimento português*, dissertação de doutoramento em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada), Porto, 2003, págs. 11-34.

Itália e, nomeadamente, a sua importância para o despoletar do movimento renovador da poesia portuguesa no século XVI. Pensamos, efectivamente, que as circunstâncias em que se terão dado os primeiros contactos da «geração» de poetas portugueses normalmente considerados como discípulos mirandinos com as inovações de matriz italiana e com a sua adaptação à língua castelhana, tradicionalmente atribuída a Boscán e Garcilaso, poderão ter contornos um pouco diferentes dos que habitualmente se consideram. Como pudemos escrever num trabalho que há alguns anos dedicámos a D. Manuel de Portugal, é nossa convicção que haveria na corte de D. João III um grupo de poetas cortesãos que, embora estivesse sintonizado com os ideais de renovação poética defendidos por Sá de Miranda, deve ter desenvolvido a sua actividade literária em plena autonomia, não depois do poeta do Neiva e respondendo ao incentivo deste, mas antes em simultâneo com ele, uma vez que uma leitura despreconcebida dos textos mostra que não existe evidência de que tenha havido aquele magistério mirandino, que desde a 1ª edição dos *Poemas Lusitanos* (em 1598) tem sido comum apontar¹⁶. Apesar de antiga, a tradição que afirma uma subordinação de todos os poetas de quinhentos ao magistério de Sá de Miranda e que o indica como o impulsionador único da renovação literária que introduziu a influência petrarquista na poesia portuguesa deve ser, em nosso entender, repensada e equacionada em novas bases.

Com efeito, não nos parece que sejam de aceitar sem discussão as afirmações que, a este propósito, Carolina Michaëlis de Vasconcelos faz na sua «Vida de Sá de Miranda»¹⁷. Aí, referindo-se à viagem romana de Sá de Miranda, a erudita filóloga aponta-lhe um propósito claramente definido:

Foi a curiosidade do poeta, o desejo de estudar a arte, de pôr em concordância a elevação do pensamento com a heroicidade das acções portuguesas que o expatriou. Notara com desgosto e espanto que tão grandes feitos ainda não tivessem produzido o eco mais débil na poesia. Apesar das enormes riquezas, da fama já universal, a nação continuava na sua modesta posição intelectual. Trazer de fora novas formas de arte, alimentadas com novas concepções ideais, eis o seu intento, o fim com que empreendeu a viagem¹⁸.

16. *Poesia de D. Manoel de Portugal – I. Prophana*, Porto: Instituto de Cultura Portuguesa; Faculdade de Letras do Porto, 1991, págs. XXVII-XXXII.

17. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, págs. I-XXXVI.

18. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, pág. VIII.

Quanto a ter tido, nessa viagem, «relações íntimas com homens célebres, como Gioviano Pontano, Giovanni Rucellai, Lattanzio Tolomei e o bom velho Sannazzaro»¹⁹, tudo isso deve ser tomado como uma simples conjectura. José Vitorino de Pina Martins assinalou-o muito justamente, quando escreveu que «tudo o que foi escrito –pela própria Carolina Michaëlis na sua edição monumental das *Poesias* de Sá de Miranda publicada em 1885– sobre a viagem a Itália do introdutor do petrarquismo em Portugal [...] é insusceptível de ser comprovado»²⁰. Lembra, até, que «o poeta Giovanni Gioviano Pontano não pertencia ao número dos vivos desde 1503...»²¹. O mesmo crítico reconhece, ainda, que «acerca dessa viagem bem pouco se sabe, além das sucintas referências do poeta num seu poema e de uma sua cantiga escrita nos campos de Roma»²². Assim, Pina Martins mostra-se menos afirmativo do que Carolina Michaëlis de Vasconcelos, quanto aos motivos da viagem, admitindo apenas que, à imagem de «todos os grandes espíritos da Europa» no século XVI, «é possível que Sá de Miranda lá procurasse também o prestígio de uma espécie de consagração carismática adstrito ao culto das letras»²³.

Apesar das cautelas que toma, Pina Martins parece, ainda assim, concordar no essencial com Carolina Michaëlis de Vasconcelos, pelo menos quanto às consequências desta viagem para a formação cultural e humana de Sá de Miranda. De acordo com a distinta filóloga, o contacto directo com a Itália tinha transformado o poeta:

Em 1526 regressava a Portugal: já tinha passado os trinta anos. Era outro homem, com carácter firme e seguro, dotado de qualidades raras; um espírito enriquecido com preciosos conhecimentos. Os seus planos estavam traçados. Tratava-se de abrir novas sendas às letras pátrias; de estimular os poetas com o exemplo; de provar a possibilidade de um aperfeiçoamento ou antes renovamento fundamental da poética portuguesa; de fazer enfim a transplantação dos metros italianos. E tudo isto conseguiu, depois de uma luta tenaz e prolongada, opondo às dúvidas as obras²⁴.

19. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, pág. XIII.

20. José Vitorino de Pina Martins, «Bernardim Ribeiro, o Homem e a Obra», in Bernardim Ribeiro, *História de Menina e Moça*, reprodução facsimilada da edição de Ferrara, 1554, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, pág. 41.

21. J. V. de Pina Martins, «Bernardim Ribeiro», pág. 41, n. 49.

22. J. V. de Pina Martins, «Bernardim Ribeiro», pág. 76.

23. J. V. de Pina Martins, «Bernardim Ribeiro», pág. 76.

24. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, pág. XIV.

No texto que acabamos de citar, afirmam-se duas ideias: em primeiro lugar, a de que os projectos mirandinos de renovação poética derivam do seu contacto directo e pessoal com a realidade cultural italiana; em segundo lugar, a de que foi a acção «estimulante» do regressado Sá de Miranda que, numa «luta tenaz e prolongada», provocou a introdução dos metros italianos em Portugal. Examinemos uma a uma estas afirmações.

É indubitável que o convívio com a cultura italiana deve ter estimulado a sensibilidade poética mirandina. Tanto mais que, como destaca Pina Martins, se «foi hóspede em Roma [...] de D. Miguel da Silva, cujo prestígio na Cidade Eterna era tão grande que Castiglione lhe dedicou *Il Cortegiano* (1528), é plausível que tenha conhecido os mais prestigiosos intelectuais italianos»²⁵. Gostaria, no entanto, de referir que poderá ter havido pelo menos outra oportunidade, e esta fora de Itália, em que tais estímulos poderiam ser recebidos ou, pelo menos, ver-se reforçados. De facto, se se aceitar como exacto o ano de 1526 para o regresso de Sá de Miranda a Portugal, é possível considerar que tenha seguido um itinerário em Espanha que, passando por Valência, o levasse à cidade de Sevilha. Na carta que tem servido de apoio a todos os que se referem a esta viagem, Miranda aponta:

Senhor meu dom Fernando de Meneses,
Vi Roma, vi Veneza, vi Milão
Em tempo de Espanhóis e de Franceses,

Os jardins de Valença de Aragão,
Em que o amor vive e reina, onde florece,
Por onde tantas rebuçadas vão.

Mas isto assi direi que mais parece
Às cousas de Sevilha soterranhas,
Onde a vida em prazer desaparece!²⁶

Tem sido usual referir a passagem do poeta por Roma, Veneza e Milão, uma ou outra vez ainda se aponta Valência, mas esquece-se Sevilha. Embora

25. J. V. de Pina Martins, «Bernardim Ribeiro», pág. 41, n. 49.

26. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, págs. 806-807, vv. 7-15. Preferimos citar o poema a partir destas páginas (não da versão que se encontra nas páginas 251-258), uma vez que a editora adverte: «Esta Poesia [...] saiu infelizmente cheia de Erratas e mal pontuada. Eis porque a repetimos aqui, pedindo ao leitor queira considerar válida só esta segunda impressão, onde julgamos ter acertado melhor na reconstituição de alguns versos viciados, no agrupamento das frases sintácticas, e na pontuação».

não dependa sintacticamente da forma verbal «vi», o nome de Sevilha parece fazer parte de uma enunciação iniciada por Roma, na qual o autor evoca os nomes de algumas cidades que fizeram parte da sua viagem, talvez aquelas que mais terão permanecido na sua memória. Poderiam ser, até, etapas do percurso que tenha seguido no seu regresso, de Roma a Portugal. Ora, Sevilha, em 1526, entre os finais de Março e 13 de Maio, assistiu aos festejos com que foi assinalado o casamento de Carlos V com D. Isabel de Portugal. Nas palavras da mais recente biógrafa de Garcilaso de la Vega, «la corte del Emperador en Sevilla debió de ser una continua celebración. Los reyes estaban felices y se los veía disfrutar, y hemos de suponer que los festejos y saraos se repitieron a lo largo de todo aquel mes y medio»²⁷. É natural que esta celebração tenha atraído Sá de Miranda, ainda mais porque se tratava do casamento de uma princesa portuguesa. Na carta dirigida a D. Fernando de Meneses, Sevilha é associada a um ambiente festivo, ainda que olhado numa perspectiva moralizante que salienta a sua dimensão efémera e enganosa: «cousas de Sevilha soterranhas, / Onde a vida em prazer desaparece!». A advertência para os perigos da vida sevilhana parece ecoar uma lembrança do que terão sido essas semanas de regozijo pelo enlace matrimonial das duas coroas ibéricas, onde, por entre a «rica ociosidade», o Amor se sentia rei e senhor:

Espreita onde ve rica ociosidade
 Amor, e a seus prazeres solta e vã,
 Desenfreada prodigalidade,

(Imiga das leis santas, e da sã,
 Da boa temperança e vida pura.)
 D'essoutra vida sevilhana irmã²⁸.

Se, como estamos convencidos, o poeta do Neiva esteve em Sevilha na Primavera de 1526, aí poderia ter encontrado, entre outros amantes das letras e da poesia, Garcilaso de la Vega, Juan Boscán e Andrea Navagero. A acreditarmos no que escreveu na sua carta à duquesa de Soma, foi na sequência de uma conversa que manteve com Navagero, nesse mesmo ano de 1526, quando a corte se instalou em Granada para fugir aos calores de Sevilha, que Boscán decidiu começar a escrever versos à maneira italiana.

27. María Carmen Vaquero Serrano, *Garcilaso, Poeta del Amor; Caballero de la Guerra*, Madrid: Espasa-Calpe, 2002, pág. 152.

28. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, pág. 807, vv. 19-24.

Enquanto esteve em Sevilha, em trânsito de Itália para Portugal, não terá Sá de Miranda contactado, também ele, com o embaixador veneziano? E não poderá ter recebido deste o mesmo incentivo a que Boscán atribui a sua adesão aos novos modelos poéticos? Evidentemente, contraria esta hipótese o silêncio total de Miranda a propósito destes contactos; fica a ideia de que, se tivessem acontecido, o poeta não deixaria de falar neles... Lembro, contudo, que também não fala de qualquer contacto que tenha estabelecido em Itália com algum dos grandes nomes da cultura italiana. Como comenta Vaquero Serrano, custa a acreditar que, tendo tido inúmeras oportunidades para o fazer, nunca antes da segunda metade de 1526 Andrea Navagero tivesse falado de literatura com Boscán e Garcilaso. Do mesmo modo, também é difícil de aceitar que, se efectivamente Sá de Miranda se encontrava com todos eles em Sevilha na Primavera de 1526, nunca tivessem abordado a necessidade de empreender uma renovação literária em Portugal e Espanha, que colocasse as literaturas ibéricas nos trilhos da modernidade. Se estas hipóteses forem válidas, poderemos interpretar como uma forma indirecta de assinalar a importância da passagem pela corte dos imperadores para a adopção das novas formas poéticas o facto de esta carta a D. Fernando de Meneses, em que se trata da cidade de Sevilha, ter sido uma das duas únicas em que Sá de Miranda optou pelo verso decassilábico e pela *terza rima* como esquema estrófico e rimático.

Se tiverem viabilidade estes nossos juízos, poderemos retirar duas consequências: a primeira é a de que pode não ter sido exclusivamente em Itália que Sá de Miranda se sentiu estimulado para aderir aos novos modelos poéticos, uma vez que existiram outras oportunidades para que esses estímulos se fizessem sentir; a segunda consequência é a de que o processo de renovação ocorreu ao mesmo tempo em Portugal e Espanha, talvez até em virtude dos mesmos impulsos, pelo que não será de considerar uma precedência de Boscán e Garcilaso relativamente a Sá de Miranda ou a outros que tenham adoptado os mesmos ideais poéticos.

Nesta sequência, ocupemo-nos agora a examinar aquela ideia de que foi Miranda o dinamizador único e solitário da modernização literária de quinhentos, vendo-se mesmo obrigado a lutar contra a resistência obstinada de quantos se mostravam contrários a qualquer alteração dos princípios estéticos vigentes na corte portuguesa. Já o dissemos: não nos parece que as coisas se tenham passado forçosamente desta maneira. Com efeito, à excepção da viagem a Itália, o poeta do Neiva não era, entre os interessados por literatura, o único a encontrar-se exposto aos estímulos favoráveis à renovação poética. Pensemos, por exemplo, no infante D. Luís. A sua participação nas cerimónias do casamento de D. Isabel com Carlos V

é bem conhecida. Foi ele, com o seu irmão D. Fernando, quem se encarregou de acompanhar a noiva até à fronteira e de fazer a sua entrega ao séquito espanhol que a conduziu até Sevilha. Segundo Vaquero Serrano, entre os muitos acompanhantes dos infantes encontrava-se o irmão de Garcilaso, Pedro Laso de la Vega, que casou em Elvas com D. Beatriz de Sá nessa ocasião²⁹. A dar-se o caso de Garcilaso ter estado presente na cerimónia³⁰, não seria impossível que tivesse contactado com o irmão de D. João III. Já depois do enlace, mas ainda em 1526, enquanto Carlos V e Isabel de Portugal permaneceram instalados em Sevilha, o infante D. Luís fez-lhes uma visita de cortesia³¹. Do mesmo modo que, algum tempo depois, quando a corte se deslocou para Granada, Boscán terá sido solicitado por Navagero para empreender um esforço de adaptação ao castelhano das formas poéticas já experimentadas na língua toscana por Petrarca e pelos seus continuadores, poderia o infante D. Luís ter sido estimulado pelo embaixador veneziano a realizar idêntico ensaio na língua portuguesa. Não sabemos se tal terá acontecido, mas, pelo menos, poderemos assinalar que o infante teve oportunidade para ficar exposto aos mesmos estímulos a que Boscán foi sensível. Mesmo antes de 1526, em 1524, quando Pedro Laso se fazia acompanhar na corte portuguesa por um seu irmão³²,

29. M. C. Vaquero Serrano (*Garcilaso, Poeta del Amor*, pág. 150) não é totalmente afirmativa em relação a este facto: «Por cierto que, en Elvas y en medio de aquellas solemnidades, fue cuando Pedro Laso celebró su boda con Beatriz de Sa». No entanto, numa carta enviada a D. João III, de Elvas, com data de 6 de Fevereiro de 1526, o Duque de Bragança confirma que o casamento teve lugar nessa cidade e nesse dia: «[...] e ajmda aguora que esta faço estou beem mal tractado porque por poder fallar aa senhora imperatriz me colheu a nocte la e depois dom pedro laso me fez estar ao seu casamento com que estou que me nõ poso bullir [...]» (ANTT, *Corpo Cronológico*, part. I, maço 33, doc. 85, transcrito em Anselmo Braamcamp Freire, *Ida da Imperatriz D. Isabel para Castela*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1920, págs. 35-36).

30. M. C. Vaquero Serrano (*Garcilaso, Poeta del Amor*, pág. 124) não dá uma resposta afirmativa a este respeito, mas também não afasta a hipótese de que tal se tenha verificado.

31. Alfred Morel-Fatio, *Historiographie de Charles-Quint (Ire partie), suivie des Mémoires de Charles-Quint*, Paris: H. Champion, 1913, págs. 170 e 196. Veja-se, igualmente, Robert Ricard, «Pour une monographie de l'infant D. Luís de Portugal», in *Études sur l'Histoire Morale et Religieuse du Portugal*, Paris: FCG, 1970, pág. 145, n. 2.

32. M. C. Vaquero Serrano, *Garcilaso, Poeta del Amor*, págs. 120-121. A D. Beatriz de Sá dedicou Anselmo Braamcamp Freire cinco recheadas páginas do seu estudo sobre *A Gente do Cancioneiro*. Aí refere o casamento de D. Beatriz «com D. Pedro Lasso, fidalgo castelhano», sem que tivesse, porém, a consciência de que este fidalgo era o irmão mais velho de Garcilaso de la Vega. Quanto à presença de Pedro Lasso de la Vega na corte de D. João III, é o próprio irmão de Garcilaso que a refere, numa carta dirigida ao monarca

e se este fosse Garcilaso, o infante D. Luís poderia tê-lo conhecido. Por agora, estamos apenas diante de hipóteses, claro, mas há que ponderá-las e avaliar da sua viabilidade. Elas poderão permitir que seja reequacionado o lugar do irmão de D. João III num eventual primeiro grupo de discípulos de Sá de Miranda.

Mesmo que não se tenham conhecido nesses anos de 1524-1526, o infante D. Luís e Garcilaso poderiam ter convivido dez anos depois, quando ambos tomaram parte na conquista de Túnis, em 1535. Ao contrário do que acontecia em 1524, o lírico toledano encontrava-se, então, num período de grande criatividade. Vaquero Serrano vai ao ponto de considerar que, dessa jornada de Túnis, os únicos frutos colhidos por Espanha foram, para lá das tapeçarias realizadas por Pannemaker a partir dos desenhos de Vermeyen, «una inigualable epístola en tercetos, dos sonetos espléndidos y las dos primeras elegías en endecasílabos de la lengua castellana», obras estas saídas da pena de Garcilaso³³. Um outro participante nesta empresa militar terá sido António de Sá de Meneses, como parece indicar uma referência de Sá de Miranda³⁴. Pertencendo a cunhada de Garcilaso, Beatriz de Sá, tanto à família de Miranda como à dos Sás de Meneses, terá havido algum contacto entre o filho primogénito de João Rodrigues de Sá de Meneses –que se interessava por literatura, ainda que não fosse poeta– e o lírico castelhano? São apenas hipóteses, mas elas mostram que a difusão das novas correntes poéticas em Portugal poderá ter seguida vias mais complexas e plurais do que o exclusivo magistério mirandino.

Antes de encerrarmos estas considerações, lembremos que o contacto pessoal não era a única via por que poderia exercer-se a influência renovadora. No que diz respeito a Garcilaso, é sabido que a égloga «Nemoroso» (1537) evidencia, em Sá de Miranda, um conhecimento íntimo da obra de Garcilaso. Uma referência na dedicatória desta égloga a António Pereira

português, escrita em Bruxelas a 13 de Abril de 1553: «Si V. A. se acuerda del tiempo de su juventud, bien terna memoria de un hombre, a quien V. A. llamava Lassico, por mucha familiaridad, en casa de D. Elvira de Mendoça [Camareira-mor da Rainha D. Maria], antes que fuese Rey». («A gente do Cancioneiro», *Revista Lusitana. Archivo de estudios filológicos e ethnológicos relativos a Portugal*, 10 (1908), págs. 275-279. O excerto da carta de Pedro Laso encontra-se transcrito na pág. 278. Também Adrien Roig faz referência a estas relações familiares em «Correlaciones entre Sá de Miranda y Garcilaso de la Vega», in *Studia Aurea. Actas del III Congreso de la AISO*, Toulouse-Pamplona: GRISO, Universidad de Navarra, 1996, I, págs. 475-486.

33. M. C. Vaquero Serrano, *Garcilaso, Poeta del Amor*, pág. 286.

34. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, pág. 502: «Vuelto de aquella empresa valerosa / Contra los Turcos que van desmaiados».

tem sido lida como uma evidência de que este seu amigo e vizinho lhe teria oferecido um manuscrito com obras do poeta:

Enviaste me el buen Laso,
Iré paseando asi mi paso a paso.

Al qual gran don io quanto
Devo sabreis [...]³⁵.

Esta circulação manuscrita das obras de Garcilaso é corroborada pelo facto de também Pietro Bembo ter tido oportunidade de conhecer obras suas em 1535, no rescaldo da conquista de Túnis³⁶. Naturalmente, não é crível que apenas Miranda, em Portugal, e Bembo, em Itália, tenham tido acesso ao trabalho de Garcilaso. Quem mais o conheceu antes da 1ª edição, feita em Barcelona, em 1543, juntamente com as *Obras* de Boscán?³⁷ Seria impossível que circulassem entre aqueles poetas que, reunidos à volta do Príncipe D. João, estavam empenhados em fazer vingar os novos modelos literários? Teremos de admitir que não temos respostas para estas perguntas. Isso não significa, contudo, que não possamos fazê-las. De qualquer modo, a edição lisboeta de *Las Obras de Boscan y algunas de Garcilaso de la Vega repartidas en quatro libros*, no mesmo ano (1543) da edição barcelonesa³⁸, reflecte a existência de um público informado e ávido, cujo número justificaria uma impressão lisboeta quase simultânea com a de Barcelona.

A nosso ver, e sem pormos em causa a historicidade da viagem romana de Miranda, mas questionando as suas motivações e consequências literárias directas, as informações fornecidas na carta a D. Fernando de Meneses devem ser entendidas no mesmo contexto de tonalidade vagamente mítica que explica a insistência numa muito problemática origem romana da família dos Sás. Tratava-se, segundo cremos, de reivindicar uma ligação

35. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, págs. 351-352.

36. Antonio Gallego Morel, *Garcilaso: documentos completos*, Barcelona: Editorial Planeta, 1976, nº 67 e 68, págs. 167-169. Veja-se, também, M. C. Vaquero Serrano, *Garcilaso, Poeta del Amor*, págs. 286-287.

37. *Las Obras de Boscán y algunas de Garcilasso de la Vega repartidas en quatro libros*, Barcelona: Carlos Amorós, 1543.

38. António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926 (aliás, 1977), nº 1040. Anselmo transcreve o colofon: «Acabaron se de imprimir las obras de Boscan, y Garci Lasso de la uega: en Lisboa en casa de Luis Rodriguez librero delrey nosso señor a dos dias de Nouembre M. D. xliij».

privilegiada à terra de onde chegava a Portugal aquele «lume» a que António Ferreira se refere e que deveria guiar os renovadores quinhentistas da poesia portuguesa. Lembrando a genealogia e evocando a sua viagem, Sá de Miranda salientava que a Itália dos grandes engenhos de que Boscán falava lhe corria nas veias e lhe era, de alguma forma, «familiar». Aludindo a estes aspectos, o poeta do Neiva poderia, de certo modo, apresentar-se na condição de um cidadão «romano», o que o tornaria especialmente apto a dar um forte contributo para que se realizassem as palavras premonitórias de Boscán: «antes de mucho se duelan los italianos de ver lo bueno de su poesía transferido en España».

